

Em busca da compreensão da ética sonora: uma investigação etnográfica baseada na representatividade e na justiça social

Juliana Carla Bastos

Universidade Federal do Piauí/Universidade Federal da Paraíba
julianacarlabastos@gmail.com

Comunicação

Resumo: A partir da compreensão geral sobre o âmbito ético presente no aspecto sonoro ambiental, o objetivo é apresentar proposta de investigação etnográfica baseada na representatividade e na justiça social (HOFMAN, 2010; ARAÚJO, 2016; LÜHNING e TUGNY, 2016). Tal etnografia é parte de um trabalho maior que almeja compreender o que é e como se manifesta a ética sonora para músicos e moradores diversos de João Pessoa. Apresentamos perspectivas epistemológicas de algumas áreas sobre questões éticas relacionadas ao aspecto sonoro e elencamos a partir delas os pressupostos teóricos relacionados à definição de ética sonora, quais sejam: premissa de que a música espelha os anseios do ser humano; junção dos conceitos de *ecosofia* e *pensamento sistêmico*; e relação entre a *ética da contemporaneidade* baumaniana e a *ética da virtude* descrita por Bowman (2012). Expomos os instrumentos metodológicos pensados para dar conta da questão. Os resultados parciais demonstram eficácia em problematizar a amostra quantitativa de acordo com o olhar hermenêutico e a estratégica inserção da figura do músico entre os sujeitos de pesquisa para investigar sua noção de função social. As considerações apontam responsabilidade do pesquisador como divulgador da “verdade” de determinado contexto; capacidade da metodologia ser capaz de refletir também o que ela NÃO pretende; e, por fim, a eficácia da etnomusicologia baseada em representatividade e justiça social como conectora dos vários âmbitos constituintes da pesquisa – sujeitos contextuais, atividades sonoras cotidianas, contratos sociais subjetivos e objetivos e entendimento científico gerado em fundamental intimidade com os atores.

Palavras chave: Etnomusicologia. Som. Ética Sonora.

Apresentação

Menos por interesse científico e mais por fundamentar-se em misticismo ou senso comum, a discussão sobre relações gerais entre som e ambiente é feita desde o final do século XIX (SCHAFER, 2001). Assim, as interpretações que se apresentam são bastante variadas a respeito do que consideramos ético sonoramente. Este artigo tem como objetivo apresentar

uma proposta de investigação etnográfica¹ que, por sua vez, busca identificar e compreender a manifestação social da ética sonora em contexto específico: a cidade de João Pessoa. Apresentamos primeiramente as perspectivas epistemológicas e os pressupostos teóricos que embasam nossa discussão sobre ética sonora, seguidos dos aspectos metodológicos pensados para dar conta da investigação e, por fim, os resultados esperados e as considerações.

Perspectivas epistemológicas: tateando a ética sonora

Para captar as dimensões epistemológicas que têm caracterizado o debate sobre tais funções ético-sonoras como fenômenos sociais, pesquisamos qual papel algumas áreas do conhecimento conferem a si mesmas nesse cenário. Para este artigo, trouxemos as contribuições da Música, Geografia, Ecologia e Ética, por serem as que embasam fundamentalmente nossos pressupostos teóricos, cada qual abordando âmbitos e ângulos importantes para a apreensão do debate.

Música

Em Música, como primeiro ponto, o referencial teórico nos apresenta a relatividade do que é musical e do que é ruidoso (MERRIAN, 1964; FELD, 1994), o que podemos entender também como um processo ilusório para definir a “boa” música. A música é mais do que uma entidade completa e autossuficiente e tem o público como parte integral não-passiva do ato musical (ARCHER, 1964). Sendo o som parte fundamental de nossa sociedade, como um fator que exerce influência decisiva em nossa convivência, interesses, saúde e bem-estar, a questão sonora tem importância tanto em contexto ambiental quanto artístico (SCHAFER, 1991, 2001; FRANÇA, 2011).

A função do músico é outro aspecto bem presente nesse debate e problematizado por muitos autores. Orbita entre mitos gregos que representam tanto ideias racionais de harmonia entre os corpos quanto apelo emotivo e virtuoso (SCHAFER, 2001, p. 20-21), discutindo o papel fundamental do compositor (SCHAFER, 2001, p. 288), a postura etnocêntrica de alguns

¹ A investigação em questão integra a tese *Ética sonora: o que é e como se manifesta na sociedade?*, em andamento no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba.

etnomusicólogos (FELD, 1994), e o fato de que o som é, sem sombra de dúvida, aspecto ambiental e que o músico não pode fugir disso (FONTERRADA, 2004; FRANÇA, 2011). Correlacionada, aparece a postura do pesquisador em Música e a delicada questão sobre a detenção da verdade de determinado contexto nas publicações científicas (ILARI, 2009; HOFMAN, 2010; QUEIROZ, 2013).

Outro ponto recorrente é a relação existente entre som e poder. Do poder nômico implícito nas estruturas musicais e explicado pela doutrina do ethos (NASSER, 1997) à atribuição de originar todas as coisas, o som aparece como articulador de vários âmbitos da humanidade, lidando com e sendo protagonista de nossos medos, sonhos, aspirações e desejos (FELD, 1994; SCHAFER, 2001; FONTERRADA, 2004). Assim é possível, por exemplo, fazer uma analogia com a frase bíblica “no princípio, era o verbo” modificando-a para “no princípio, era o som”, eis que dele próprio dá-se corpo sonoro ao verbo e o relaciona a uma força divina (FONTERRADA, 2004). Outros elos trazem a noção da paisagem sonora como patrimônio cultural (SEEGER, 1992 citado por ILARI, 2009, p. 179)²; a ideia do som como território sonoro (OBICI, 2012); ou, ainda, relacionada ao nível de consciência que possibilita ir do estágio de impotência diante da poluição sonora ao cenário possível para realização de projetos acústicos (SCHAFER, 2001, p. 329).

Geografia

Na área de geografia, apesar de o som ainda não constituir aspecto ambiental investigado amplamente, sobretudo no Brasil, encontramos também a ideia de som como “trilhas sonoras particulares” de praticamente todo tipo de local que oferece comércio e serviços, definindo assim espaços acústicos (CONSTANTINO, 2014, p. 109). Um caminho de análise pode ser através dos conceitos de topofilia, que denota uma relação saudável ou neutra com o ambiente em que se vive, e topofobia, quando tal vínculo é problemático (TUAN, 1990). Tais termos podem ser aplicados ao aspecto sonoro se consideramos o som como um definidor de espaços que, a depender de fatores como pertencimento, dor, acolhimento e portabilidade,

² SEEGER, Anthony. **Ethnomusicology and music law**. *Ethnomusicology*, v. 36, n. 3, 1992, p. 345-359.

podem gerar conotação positiva ou negativa. O poder também aparece atrelado ao aspecto sonoro da intensidade quando afirma-se que uma britadeira e uma sinfonia, ambos em 100 dB, devam ser analisados sob os mesmos parâmetros de saúde pública (OLIVEIRA, 1989).

Ecologia

Compreendemos a Ecologia a partir de estudos que problematizam a estrutura urbana em relação à ecologia humana (EUFRASIO, 1999), facilitando assim nossa conexão aos estudos ecológicos específicos, como os da ecologia sonora. Existem as representações sociais da Ecologia e os pensamentos ecologistas. As primeiras constituem um pensamento homogêneo “sem antagonismos e conflitos internos”, que traz como princípio básico a “interdependência de todos os elementos de um sistema e das relações entre os seres vivos e destes com o meio social” (REIGOTA, 2002, p. 34, 40). O pensamento ecologista, por sua vez, encontra-se em construção quando observada a práxis social, sinalizando “disputas, confusões teóricas, divergências ideológicas, fragilidade e força na aplicação de seus argumentos” (idem, p. 34).

De ampliações das visões ecológicas atreladas à filosofia, aparecem os conceitos de *ecosofia* e *pensamento sistêmico*. Ecosofia é um termo que amplia e critica a ideia de ecologia rasa, aliando sabedoria e meio ambiente. Foi cunhada pelo filósofo Arne Naess e entende o homem como parte integrante e não dominante da natureza, e esta como provedora não cíclica para o ser humano (DIAS, 2000, citado por FRANÇA, 2011, p. 31)³. Pelo mesmo raciocínio caminha o conceito de pensamento sistêmico, que surgiu na virada do século XIX para o XX num cenário de tensão com o mecanicismo corrente na época. “De acordo com a visão sistêmica, as propriedades essenciais de um organismo, ou sistema vivo, são propriedades do todo, propriedades que nenhuma das partes possui. Elas surgem das interações e relações entre as partes” (CAPRA, 2014, p. 95-96, grifos nossos). Assim, a área da Ecologia demonstra preocupações holísticas significativas e, como era de se esperar, expande o estudo do *oikos*, a casa do ser vivo, para além do estudo da Manutenção do Lar Terrestre (idem, p. 97). São cada

³ DIAS, G. F. **Educação Ambiental princípios e práticas**. 6. ed. rev. e amp. São Paulo: Gaia, 2000.

vez mais estudadas as transversalizações das relações ecológicas com praticamente todas as áreas e campos do conhecimento.

Ética

Para o referencial teórico da Ética, partimos de uma das análises e proposições de Zygmund Bauman sobre Ética Moderna e Ética “Pós-Moderna”, demonstrando como a moralidade pode assumir concepções bastante diversas das clássicas. Apenas a título de registro, a moralidade moderna kantiana, por exemplo, denota o valor da pessoa e a sua dignidade de ser feliz através do alcance de um estado de sumo bem integrando a moral do dever e a moral da amizade, representadas respectivamente pelo respeito e pelo amor (PAIM, 2002; KANT, 2004) – ambos de caráter exterior à vontade do homem, ditados por concepções de direito natural racional em detrimento da autonomia individual (SILVA, 2013, p. 49). Para Bauman, numa visão pós-modernista que traz implícita a relação concomitante entre ruptura e continuidade com a modernidade, moralidade é a oportunidade de transcendência do ser para despertar do sono dogmático que a ética assumiu na era moderna (idem, p. 89). Assim, temos que, na modernidade, o indivíduo estabeleceu seus parâmetros éticos com base no direito material, “nivelando para baixo as relações morais, fundamentadas apenas em princípios referenciados naquilo que ‘é permitido’ ou ‘não é permitido’” (BAUMAN, 1998 citado por SILVA, 2013, p. 54)⁴. Já na pós-modernidade, após uma crise da ética moderna resultante dessa visão, passaram a ser valorizados a fluidez e o empoderamento comunitário que visa dar vez e voz às minorias. Isso gera uma falta de referências absolutas, porque já temos toda a liberdade com a qual poderíamos sonhar, embora o caráter de controle social tenha assumido outras formas⁵. O processo civilizatório da pós-modernidade substitui a segurança pela felicidade, a nova busca desta era. O reclamo do prazer passou a ser medida pela qual as coisas são julgadas

⁴ BAUMAN, Zigmund. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

⁵ Um exemplo são as ações comunitaristas. Aspirantes a líderes da comunidade que utilizam os direitos humanos como grito de guerra para se apossar dos poderes que o Estado deixou cair de suas mãos (BAUMAN, 1997, p.56, citado por SILVA, 2013, p. 79).

(SILVA, 2013, p. 84) e “ser moral é justamente o evento que me coloca para o Outro⁶ com responsabilidade” (idem, p. 89). A condição pós-moderna conservou a autonomia conquistada na era moderna. Adicionou a ela apenas a consciência e a clareza das escolhas que fazemos, não mais nos deixando reféns por um lado e confortavelmente abrigados por outro dentro do que “a lei manda” (BAUMAN, 1995, p. 18 citado por SILVA, 2013, p. 97). Embora Bauman tenha deixado algumas questões que fazem com que sua discussão sobre ética pós-moderna seja vista como superficial (SILVA, 2013, p. 113-116), a clareza e a consciência do indivíduo pós-moderno a que ele se refere são corroboradas por autores contemporâneos que entendem a ética como uma compreensão inerente ao ser humano em relação a si mesmo e em relação aos outros indivíduos (BOWMAN, 2012). Quando observa a docência do professor de música, Bowman chega à conclusão de que educar musicalmente nem sempre é equivalente a ensinar música, o que já foi demonstrado por autores com bases teóricas diversas (SCHAFER, 1991; FONTEERRADA, 2004; FRANÇA, 2011). Corroborando Bauman, o autor discute a importância do professor de música estar atento também às suas escolhas, motivações e caráter, não só para uma melhor docência ao entregar profissionalmente o serviço, como num sentido de autorealização, autointeresse e autoindulgência (BOWMAN, 2012, p. 3), pois, do contrário, ele acaba por se tornar um mero tarefeiro e não alguém com capacidade de desenvolver um trabalho de criticidade e significação profunda de educação musical. Ao colocar este profissional como agente ético, o autor arremata nossa discussão sobre ética e estabelece a ponte com o plano sonoro que nos interessa.

Com base nessas perspectivas epistemológicas, temos trabalhado na compreensão de uma *ética sonora* que pode se estabelecer como o conjunto de entendimentos e ações sonoras que delineiam as ideias de virtude, responsabilidade e felicidade transpostas em poder e diversão, articulando a noção de qualidade de vida de determinado contexto.

Pressupostos teóricos

⁶ “Outro” se escreve com letra maiúscula porque diz respeito à importância dele para mim enquanto ser relacional. São todos os Eus relacionando-se com todos os Outros. Assim como o “Eu-situado” não diz respeito somente a mim, mas a qualquer indivíduo que se coloque numa situação, o Outro refere-se não somente a um interlocutor, mas a todas as pessoas, num entendimento de coletividade (SILVA, 2013, p. 90).

Apoiados por este referencial teórico, baseamos nosso trabalho em três pressupostos teóricos. O primeiro considera a música e o som como espelho dos anseios de uma sociedade (MERRIAN, 1964), atuando muitas vezes como sinônimos de cultura. O segundo alia a ideia de ecosofia (DIAS, 2000, citado por FRANÇA, 2011, p. 31) ao pensamento sistêmico (CAPRA, 2014) sinalizando o holismo presente em toda a história da ciência ocidental e que, no nosso caso, pode ser base para discutirmos a conexão entre aspectos sonoros e muitas outras camadas e desdobramentos de uma sociedade e de um indivíduo. O terceiro parte da relação entre a *ética da contemporaneidade* baumaniana e a *ética da virtude* discutida por Bowman (2012) para compreender meandros da relação ética do indivíduo consigo mesmo e com o Outro. Se antes o que se considerava ético estava estabelecido muitas vezes pelo poder legislativo do Estado, agora - entre outros fatores, por omissão desse Estado e uma ressignificação dos valores ditos universais que, como vimos, não se sustenta – o entendimento da ética reside contextualmente nas situações, e a consciência do indivíduo é agora também sobre seu íntimo, e não mais ditada por valores externos a ele.

A partir deste arcabouço teórico, procuramos elaborar um plano etnográfico que seja ao mesmo tempo conciso, sólido e flexível, frente à notável complexidade da questão. Sigamos.

Aspectos metodológicos da investigação

Esta proposta etnográfica almeja compreender o que é e como se manifesta a ética sonora para músicos e moradores diversos da cidade de João Pessoa. Temos nos baseado em autores contemporâneos que enfatizam o engajamento etnomusicológico em questões de representatividade e de justiça social para irmos além do âmbito da identificação e conseguirmos estabelecer uma discussão entre os parâmetros éticos estabelecidos nos contextos, sinalizados tanto verbal e conscientemente pelos sujeitos quanto de forma subjetiva. Neste caso, estamos considerando para tal as relações entre as expressões humanas e os dilemas da ética observados nas concepções, visões e ações para / dos sujeitos, a partir das quais pretendemos compreender quais características e aspectos históricos, culturais, da

vivência e do cotidiano dessas pessoas estão em uso quando se estabelecem situações entendidas como éticas sonoramente e como esse uso se estabelece.

“Equilíbrio entre verdades”: o pesquisador, o sujeito, o contexto e o Estado

Passamos recentemente por uma ressignificação epistemológica importante em subáreas da música como etnomusicologia e educação musical. Quando atuamos como pesquisadores em campo ou como professores em sala, cada vez mais nos perguntamos: onde está a verdade? Como vimos na breve explanação sobre ética, esta pergunta torna-se central numa aula de música ou durante uma etnografia.

Questões de comprometimento político, representatividade e justiça social têm tomado cada vez mais os profissionais que viram sua atuação, que julgavam ser de mocinho, transfigurada em vilania. Ainda utilizamos o termo *música* no singular e isto leva à redução de culturas consideradas subalternas, porque não estamos preparados politicamente para lidar com minorias⁷ sem tratá-las como menores, do alto do nosso posto de detentores científicos da *verdade* daquele contexto (HOFMAN, 2010; ARAÚJO, 2016, p. 8-9). Uma possível relação apenas a título de exemplo pode ser observada num contexto mais amplo, quando consideramos que imprimimos aos nossos sujeitos de pesquisa o que sofremos com nossos pares europeus e norte-americanos. A literatura etnomusicológica brasileira – feita por pesquisadores brasileiros - ainda padece de significativo anonimato em produções externas à América Latina (LÜHNNING et al., 2016, p. 49).

Neste sentido, tem-se observado na etnomusicologia nacional um aumento gradativo da chamada “engaged ethnomusicology” (HOFMAN, 2012, LÜHNNING et al., 2016) em contraposição à observação participante. Um dos estudos brasileiros mais conhecidos é o de Samuel Araújo no Complexo da Maré. Lühning aponta essa diferenciação de abordagem como um levante político das minorias que, organizadas em movimentos sociais, constituem-se em palco de importantes questionamentos (ao passo em que, no Norte global, são as instituições

⁷ Estão contemplados aqui papéis representados por mulheres, indígenas, quilombolas, LGBTTT e grupos com menor poder aquisitivo.

acadêmicas as maiores questionadoras do poder) (2016, p. 81). Tal engajamento também favorece diálogos interdisciplinares com áreas afins como a educação musical e a antropologia.

No nosso caso, são tantas as trocas interáreas que não podemos explanar todas neste artigo. Ficaram de fora aqui as relações – bem estreitas por sinal - com a física e o direito, que por questões de menor afinidade com o objetivo do artigo serão trazidas em outras oportunidades. Nesse caminho metodológico, pretendemos dar conta do reconhecimento da multiplicidade de relações que um trabalho etnomusicológico é capaz de abarcar diante da nossa responsabilidade para com os sujeitos desta pesquisa. Não temos como partir do pressuposto de que nossos sujeitos constituem minorias. Contudo, se alguma for salientada, estaremos preparados para atuar no sentido de compreender seus caminhos de representatividade e justiça social através de seus entendimentos de ética sonora.

Instrumentos metodológicos

A etnografia é parte fundamental no encaixe dos dados que a pesquisa que originou esse artigo reúne. Assim, o entendimento metodológico para o trabalho de campo considera dois fatores importantes:

- Trata-se de uma pesquisa multitemática, centralizada na área da Música. Isto faz com que transitemos inevitavelmente por discussões envolvendo gêneros musicais. A intenção desta metodologia é fornecer subsídios para compreender como cada um deles se encaixa no entendimento da ética sonora da cidade, sem entrar em valoração de repertórios.
- É uma pesquisa na grande área de Ciências Humanas. A premissa é a de que toda a organização e estruturação dos roteiros de entrevistas e grupos focais e sejam extremamente dinâmicos e se moldem ao perfil do sujeito e/ou do contexto abordado no momento. Tal dinamismo está ancorado nos pressupostos teóricos já elencados e tem a investigação da manifestação da ética sonora na cidade como fio norteador e do qual, este sim, não podemos nos abster.

Vamos aos instrumentos.

Universo de pesquisa

Os sujeitos devem residir em João Pessoa e estão divididos em 3 grupos. O primeiro é formado por indivíduos envolvidos diretamente com a atividade musical considerada profissional ou amadora, como mestres da cultura popular, professores de música dos diversos níveis, performers e pesquisadores da área. O segundo grupo é constituído por profissionais que atuam com âmbitos sonoros em outras perspectivas, como proprietários de casa de show, arquitetos, educadores físicos, professores, comerciantes, motoristas e instaladores de som automotivo. Por fim, o terceiro grupo contempla moradores diversos da cidade. O quantitativo da amostragem pretende alcançar 200 pessoas para o primeiro grupo e 150 para cada um dos demais.

Coleta

Partimos dos pressupostos teóricos estabelecidos para elaborar um **questionário** (MARCONI & LAKATOS, 2010, p. 86) com questões abrangentes sobre a temática da ética sonora. Após 17 pilotos realizados com voluntários, chegamos a 8 perguntas sobre dados de idade, naturalidade e ocupação; 5 sobre a rotina sonora no bairro em que a pessoa reside e /ou trabalha; 6 sobre concepções sonoras do respondente; e uma parte de identificação caso haja interesse de participar dos grupos focais (ANEXO 1). Com tais dados, pretendemos: constituir os três grupos de perfis do universo de pesquisa; identificar contextos considerados problemáticos ou saudáveis sonoramente; e formatar as questões disparadoras de debate dos grupos focais. O formulário ficará disponível online até dezembro de 2017 e está sendo usado para alcançar sujeitos que não serão entrevistados e também captar interessados em participar dos grupos focais (GF).

A partir dos questionários e também de abordagem feita pessoalmente, realizamos até o momento seis grupos focais (GF). O **grupo focal** (GONDIN, 2003, p. 151) coleta dados por meio da interação grupal, figurando como um instrumento intermediário entre e entrevista

(MORGAN, 1997 citado por GONDIN, 2003, p. 151)⁸. Inicialmente, os faríamos como projeto de extensão pela UFPB em encontros semanais. Hoje, contudo, temos visto que a eficiência do instrumento aumenta quando as pessoas não têm que modificar suas rotinas e sair de casa especificamente para o GF. Assim, conversamos antes com a figura de autoridade em questão (professor, padre, líder comunitário, etc.) e combinamos a realização com o grupo, que varia de 4 a 10 pessoas, dentro das atividades que já são desenvolvidas normalmente nos contextos. A realização do roteiro (ANEXO 2 e ANEXO 3) dura cerca de uma hora e é gravado em vídeo quando consentido (ANEXO 4) pelos participantes. Estão previstos GF em contextos informais, como com instaladores de som automotivos e donos dos chamados paredões⁹, sujeitos fundamentais para nossas análises.

Dos grupos focais, definiremos quais sujeitos passarão por **entrevistas**, a serem feitas de forma não estruturada do tipo focalizada (MARCONI & LAKATOS, 2010, p. 82), tanto individual quanto coletivamente, e realizadas com base em documento de análise preliminar dos dados que será disponibilizado com antecedência aos sujeitos. Tal disponibilização constitui aspecto de *etnografia constitutiva*, ou seja, que permite tratamento exaustivo dos dados tanto pelo pesquisador quanto pelos pesquisados, além de análise interacional destes para evitar tanto a redução psicológica quanto a reificação sociológica que o texto científico tradicional periga trazer (OLIVEIRA e MONTENEGRO, 2012, p. 137). A proposta inicial prevê entrevista individual e/ou coletiva com 30% do total de sujeitos.

O último instrumento de coleta, a **criação de espaços na web** (ROCHA & MONTARDO, 2005), é a ponte para os instrumentos de organização e análise. Serve para disponibilizar os questionários e armazenar as gravações, entrevistas e os termos de consentimento escaneados (Google Drive) e também para divulgar materiais, publicações sobre a temática (científicas ou

⁸ Morgan, David. **Focus group as qualitative research**. 16. London: Sage Publications, 1997. Qualitative Research Methods Series.

⁹ O paredão de som consiste numa aparelhagem de som automotiva que geralmente se acomoda parcial ou integralmente no compartimento do porta-malas. Seu uso é feito com a tampa externa aberta, possibilitando maior alcance sonoro.

não) e convites para os GF através de redes sociais como o Facebook¹⁰, o Instagram¹¹ e um canal no You Tube¹².

Organização e análise

Myers (2002) esclarece que os dados da pesquisa devem ser reconhecidos como falas e ter suas interações específicas e contextuais consideradas em situações particulares. Ao tratar com tal cuidado a análise das falas dos atores, o próprio pesquisador poderá também pensar sobre o papel social que exerce naqueles contextos. Em grupos focais, essa técnica produz grande quantidade de dados. Cabe ao pesquisador sensibilidade humana e inteligência de pesquisa para, nas transcrições, não desconfigurar contextualmente as falas dos sujeitos, suas tomadas de posição, proposições e pontos de vista relacionados aos turnos anteriores e posteriores. Turno é a fala de uma pessoa no grupo focal, do começo ao fim. Myers sugere ainda que um bom caminho para se trabalhar com a quantidade de dados geradas nesses grupos é utilizar as transcrições como dados brutos. A organização dos dados começa pela imediata categorização de cada GF ocorrido. O material passa por uma transcrição não-absoluta, como dados brutos (MYERS, 2002, p. 274), o que nos torna possível evidenciar categorias que já começam a despontar. Os questionários, atuando como fonte contínua de geração de GF, passarão por seleção, codificação, tabulação e análise de categorias, símbolos e relações à medida que formos atingindo o número esperado de sujeitos de cada perfil. As entrevistas, que ainda não começaram, serão transcritas e passarão por análise de fala e de discurso (MYERS, 2002; GUESSER, 2003). Ainda com relação aos GFs, além da análise documental, haverá categorização e transcrição dos vídeos julgados necessários para análise e/ou inserção no trabalho. Por fim, a disponibilização online para os participantes servirá para que eles possam opinar sobre as formas de publicação do material que ele ajudou a gerar.

Resultados esperados e parciais

¹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/laboratoriodesons>. Acesso em: 22 ago. 2017.

¹¹ Disponível em <https://www.instagram.com/laboratoriodesons/?hl=pt-br>. Acesso em: 22 ago. 2017.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCEqriiNUi1-LjXsNmQXPQ>. Acesso em: 22 ago. 2017.

Por se tratar de pesquisa em andamento, é oportuno neste artigo expor pontos que já se destacam como resultados a fim de demonstrar a adequabilidade do caminho metodológico proposto. O primeiro é o trânsito entre etnografia virtual - etnografia - etnografia virtual como termômetro e otimizador de geração e análise de dados, que possibilitou a problematização da amostra quantitativa a partir de um olhar hermenêutico capaz de compreender delineamentos sociais significativos. Através da contribuição e comentários dos sujeitos de pesquisa, temos conseguido imprimir uma maior e mais refinada fidelidade o texto analítico.

Nesse sentido, vemos como está sendo estratégica a inserção da figura do músico entre os sujeitos de pesquisa. Baseados na etnografia realizada até o momento, corroboramos os autores que afirmam que ter formação musical não necessariamente habilita o músico a ser consciente do som em sua amplitude de significados para além da função utilitarista da música, da partitura ou do instrumento. Sem pretender alcançar uma discussão amoral do som, empreendemos esta investigação etnográfica para compreender não somente os músicos que se atém apenas aos aspectos supracitados, como também os que transpõem essa etapa e conseguem / sabem / querem falar sobre os efeitos da música na vida das pessoas e sobre o som como aspecto sonoro ambiental. No aspecto artístico, docente ou de contribuição a outras áreas do conhecimento, onde ética, escuta e emissão se encontram a partir da inter-relação entre aspectos éticos, biológicos e de âmbitos constituídos culturalmente?

Considerações

Ao propor uma investigação etnográfica, o pesquisador almeja entrar em campo com um plano metodológico muito bem definido. Tal definição, contudo, difere de seu significado etimológico de ser fixo e marcado, e esta é nossa primeira consideração. Como investigações etnográficas sofrem alterações durante sua execução - é até esperado que seja assim - definição aqui significa clareza, precisão e exatidão como aspectos de fidelidade ao contexto. A nossa responsabilidade é grande, porque assumimos inevitavelmente o posto de sermos os porta-vozes de alguém. Nestes momentos, quais verdades traremos à tona? A deles? A nossa? A que pensamos ser a deles? A nossa, experienciada junto à deles? A decisão requer mais do

que vasta leitura e conhecimento metodológico fundamentado e vai além de boas habilidades de escrita científica. Entram em jogo também a versatilidade, a sensibilidade e a empatia de um ser humano para outro. No nosso caso, para, no mínimo, 500 outros. Onde se encontra o tñue parâmetro que estabelece o grau de humanidade presente em uma pesquisa etnográfica?

Nesse contexto, outra consideração é a de que a metodologia utilizada deve também refletir claramente o que a pesquisa NÃO será. Aqui, procuramos deixar claro a não pretensão de gerar mais uma cartilha de combate à poluição sonora, um lugar-comum perigoso quando se discute a relação entre o som e o meio ambiente. Isto somente foi possível quando o referencial teórico foi amadurecido através de horas de leitura e escrita, de publicações anteriores feitas sobre o tema e do ato de cortar o cordão umbilical com autores basilares da temática como Schafer por exemplo. Internalizamos sua importância e fundamentais contribuições, mas compreendemos os limites de sua discussão, ao menos para os desdobramentos de investigação que têm nos movido. Por falta de espaço e adequação aos objetivos presentes, este parágrafo figura também como anúncio de futuras publicações. Transcender!

Com conceitos que conectam Schafer, Capra, Bauman, Myer e Bowman, entre outros, nossa reflexão final convida o leitor a pensar conosco sobre o que diz respeito à nossa capacidade de nomear apenas o que conseguimos perceber. A histórica negligência ao aspecto sonoro ambiental agora se mostra como problema com solução complexa e distante. Diante do desafio, integramos o time de pesquisadores dispostos a descortinar os caminhos que nos tragam consciência e paz sonora. Porém, para chegarmos a essa compreensão, estamos no trânsito constante entre o que compreendemos observando o outro e o que compreendemos a partir da troca com o outro. Acreditamos que a compreensão da ética sonora em João Pessoa passa, nesta ordem, pelos sujeitos contextuais desenvolvendo suas atividades sonoras cotidianas; os diversos contratos sociais estabelecidos subjetiva e objetivamente a respeito da temática na cidade e o entendimento científico gerado em fundamental intimidade com os atores.

Referências

ARAÚJO, Samuel. Prefácio: o campo da Etnomusicologia brasileira: formação, diálogos e comprometimento político. In: LÜHNNING, Angela; TUGNY, Rosângela Pereira de. **Etnomusicologia no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 7-18.

ARCHER, Willian Kay. On the Ecology of Music. In: **Ethnomusicology**, v. 8, n. 1, p. 28-33, 1964. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/849769>. Acesso em: 02 jan. 2017.

BOWMAN, Wayne. 2012. Practices, virtue ethics, and music education. In: BOWMAN, Wayne; ELLIOTT, David J.; BATES, Vincent C. **Action, Criticism, and Theory for Music Education**. V. 11, n. 2, p. 1–19, 2012. Disponível em: http://act.maydaygroup.org/articles/Bowman11_2.pdf. Acesso em: 24 ago. 2017.

CAPRA, Fritjof. **A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas**. São Paulo: Cultrix, 2014.

CONSTANTINO, Regina. **Uma ecologia para o som: do rito ao rush**. Londrina: o autor, 2014.

EUFRASIO, Mário A. **Estrutura urbana e ecologia humana: a Escola Sociológica de Chicago**. São Paulo: Editora 34, 1999.

FELD, Steven. From Ethnomusicology to Echo-Muse-Ecology: Reading R. Murray Schafer in the Papua New Guinea Rainforest. In: **The Soundscape Newsletter**, n. 8, 1994.

FRANÇA, Cecília Cavalieri. Ecos: educação musical e meio ambiente. In: **Música na Educação Básica**, v. 3, n. 3, p. 28-41, 2011.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Música e meio ambiente: a ecologia sonora**. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.

GUESSER, Adalto H. A etnometodologia e a análise da conversação e da fala. In: **Em Tese**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, v. 1, n. 1, ago-dez 2003, p. 149-168.

GONDIN, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. In: **Paidéia**, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2003.

HOFMAN, Ana. Maintaining the distance, othering the subaltern: rethinking ethnomusicologist's engagement in advocacy and social justice. In: HARRISON, Klisala; MACKINLAY, Elizabeth; PETTAN, Svanibor. **Applied Ethnomusicology: historical and contemporary approaches**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2010. p. 22-35.

ILARI, Beatriz. Por uma conduta ética na pesquisa musical envolvendo seres humanos. In: BUDASZ, Rogério (Org.). **Pesquisa e Música no Brasil: métodos, domínios, perspectivas**. Goiânia: ANPPOM, 2009. p. 167-185. Disponível em: <http://www.anppom.com.br/ebooks/index.php/pmb/catalog/book/1> . Acesso em: 10 jan. 2015.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Prática**. São Paulo, 2004. Versão para eBook. Digitalização da edição em papel da Edições e Publicações Brasil Editora S.A.,. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/razaopratica.html>. Acesso em: 10 set. 2016.

LÜHNNING, Angela; CARVALHO, Tiago de Quadros Maia; DINIZ, Flávia Cachinesi; LOPES, Aaron Roberto de Mello. Desafios da Etnomusicologia no Brasil. In: LÜHNNING, Angela; TUGNY, Rosângela Pereira de. **Etnomusicologia no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 47-92.

MERRIAN, Alan. **The anthropology of music**. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

MARCHIONNI, Antonio. **Ética: a arte do bom**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MYERS, Greg. Análise da Conversação e da Fala, In BAUER, Martin W. & GASKELL, George (org.). In: **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

NASSER, Najat. O Ethos na música grega. In: **Boletim do CPA**, Campinas, n. 4, 1997.

OBICI, Giuliano. Condição da escuta: mídia e territórios sonoros. 2012. 162 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – PUC, São Paulo, 2012.

OLIVEIRA, Lúcia. Silêncio: som demais causa poluição sonora. In: **Superinteressante**, São Paulo, n. 1, p. 26-31, 1989. Disponível em: <http://super.abril.com.br/ciencia/silencio-som-demais-causa-poluicao-sonora>. Acesso em: 18 out. 2016.

OLIVEIRA, Samir Adamoglu de; MONTENEGRO, Ludmilla Meyer. Etnometodologia: desvelando a alquimia da vivência cotidiana. In: **Cadernos EBAPE.BR**, v. 10, n. 1, artigo 7, Rio de Janeiro, mar. 2012, p. 129-145.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Ética na pesquisa em música: definições e implicações na contemporaneidade. In: **Per Musi**, n. 27, versão eletrônica, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-75992013000100002&script=sci_arttext. Acesso em: 20 mai. 2015.

PAIM, Antonio. **Tratado de ética**. Londrina: Ed. Humanidades, 2003.

REIGOTA, Marcos. **A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. In: **E-compós**, v. 4, 2005. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/55/55>. Acesso em: 15 ago. 2015.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. Tradução de Marisa Trench Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

_____. **A afinação do mundo**. Tradução de Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

SILVA, Paulo Fernando da. **Conceito de ética na contemporaneidade segundo Bauman**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Topophilia: a study of environmental perception, attitudes, and values**. 2. ed. New York: Columbia University Press, 1990.